



CAPÍTULO 11

NOTAS DE SEMEADURA

MERCEDES LACHMANN

Capítulo 11 - Notas de Semeadura

Sowing Notes

Mercedes Lachmann

Semeadura

Sem as plantas não há sobrevivência para a quase totalidade dos seres vivos que, como nós, humanos, dependem do oxigênio para viver. “Nosso mundo é um fato vegetal antes de ser um fato animal”, sintetiza Emanuele Coccia em seu profundo e poético livro *A vida das plantas*⁵⁶.

Em torno de 12 mil anos atrás, as comunidades de caçadores-coletores fixaram-se aos territórios, deixando de ser nômades. Começaram a cultivar a terra e manipular alguns tipos de plantas e animais, e aos poucos foi acontecendo o que o historiador israelense Yuval Noah Harari chamou de “revolução agrícola”, uma mudança radical no estilo de vida e organização social desses grupos.

Como eram as mulheres que preparavam o alimento e cuidavam dos mais novos, dos mais velhos e doentes, foram elas que desenvolveram maior contato e intimidade com as plantas. Com o passar do tempo, a prática e a experiência propiciaram às mulheres uma proximidade e um profundo conhecimento das ervas. Elas aprenderam a distinguir quais plantas agregam melhor sabor aos alimentos, quais servem para tecer, vestir, abrigar, combater os males do dia a dia, curar os feridos, além daquelas que têm usos mágicos e que passaram a ser utilizadas em determinados períodos e rituais.

Ainda hoje, cabe especialmente a nós, mulheres, a função do cuidado. Cuidamos da casa, das tradições, dos rebentos, do corpo, da nutrição, dos afetos, das relações, dos doentes, dos bichos, das plantas... Estamos intimamente ligadas à vida e à morte porque vivemos de ciclos que começam e terminam, porque geramos vida, passando por perigosas metamorfoses. Esta ligação essencial com a vida nos

⁵⁶ Emanuele Coccia. *A vida das plantas — Uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. Trad. Fernando Scheibe.

faz desenvolver uma percepção não verbal aguçada, nos conecta às magias e aos mistérios deste mundo.

Como uma mulher brasileira, sou naturalmente miscigenada e latino-americana, filha e neta de argentinas por parte de mãe, neta de uma paraense e de um dinamarquês por parte de pai. Reconheço que o feminino que habita em mim vem das múltiplas experiências com mulheres de diferentes etnias, bagagens culturais e idades, bem como das minhas heranças mais antigas.

Perdi minha mãe cedo, e não tenho certeza se fui amamentada, mas cresci imaginando que sim, pela força do vínculo que mantive com ela. Ainda hoje confundo a palavra mãe com mar, pois era na conexão com a natureza que a encontrava, nas águas marítimas em que me criei e cresci, onde me sentia envolta em um tipo de útero. Talvez a água seja o vínculo que aproxima a minha ancestralidade, o mundo vegetal e as redes de mulheres que tenho integrado, e onde acontece a transmissão de conhecimento. Venho aprendendo e trocando com mulheres sensíveis e competentes e por suas mãos avanço para além de mim.

A água é um elemento seminal na minha poética, e tem conduzido meu processo artístico nos últimos dez anos. Inicialmente me interessei pelo elemento em si, e explorei suas propriedades de maleabilidade, peso, impermanência, transparência, translucidez e distorção. Com o tempo, a água foi aportando outras camadas de reflexão sobre a origem da vida, os trânsitos migratórios, a respiração da terra, o clima, os rios voadores, a conexão com o mundo vegetal, e tantas outras questões. O problema da falta de água revelou-se com toda sua gravidade e urgência. Aprendi que plantar árvores é como plantar água – essencial para irrigar a terra e enriquecer a biodiversidade. Aos poucos, fui tomando consciência da questão do desmatamento, do profundo dano que vem com a destruição das matas. A água me levou até as árvores, que me conduziram para as florestas, e das florestas cheguei no reino polissêmico das plantas.

Conheci Patrícia Carvalho, erveira da Serra da Mantiqueira, e com ela comecei a estudar as ervas medicinais junto a outras mulheres enquanto aprimorava a sensibilidade para estabelecer uma comunicação com as plantas. Passei a aprender com a troca de conhecimento que acontece nas vivências, nos grupos de estudos e

nas rodas de conversas. Aprendi a fazer tinturas com Patrícia e as utilizo nas esculturas que faço em vidros selados a fogo. A força das plantas é extraordinária! Dos vidros que guardam as tinturas, emana a alma das plantas e, ali, esse tempo se eterniza. Estabeleci um paralelo entre a propagação de propriedades e a luz das estrelas – “o brilho das estrelas ou as ondas de rádio que atingem hoje as antenas ou as lentes dos telescópios modernos são viajantes que iniciaram sua jornada pelo tempo e pelo espaço também há milhões ou bilhões de anos”⁵⁷.

O encontro com o mundo vegetal marcou o meu ser e o meu trabalho. Percebo a sua presença nos meus sonhos, pensamentos e, conceitualmente, meus projetos. As plantas me revelam uma exuberância de formas, cores e sentidos, e essa influência tem me levado a unir pessoas diversas, integrar iniciativas e diferentes materiais à minha gramática plástica, tornando meu trabalho menos minimalista, mais misturado, e com novas possibilidades de leitura.

A Biblioteca

O convite da Professora Paula Guerra e da curadora Bia Petrus para ocupar a Biblioteca Pública da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a FLUP, em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres de 2024, fez-me refletir sobre como eu honraria a presença feminina em mim e no mundo. Escolhi elaborar um projeto com as plantas por entender que elas, como as mulheres, fazem mundo. Procurei pensar as plantas abordando-as como discurso e componente invasor na biblioteca, mas também como metáfora poética, tema para abrigar o feminino, elemento mágico e chave da ancestralidade. Minha homenagem às mulheres sem dúvida seria mediada por elas, as plantas, promovendo um diálogo entre natureza e cultura, razão e sensibilidade, oralidade e tradição escrita, visibilidade e invisibilidade, transgredindo e misturando o espaço natural com o espaço civilizado.

A Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto tem seis andares, todos eles interligados por uma escada helicoidal. Minha primeira intenção foi cobrir as laterais da escada de cima a baixo com trançados de ervas aromáticas

⁵⁷ Eduardo Neves. *Sob os tempos do equinócio*. São Paulo: Ubu e Edusp, 2022 (p. 17).

e plantas da região norte de Portugal feitos por uma grande rede de artesãs locais. A escada, enquanto fato arquitetônico, seria completamente alterada, transformando-se num jardim vertical, e a biblioteca estaria temporariamente “perfumada” com o aroma das plantas, contagiando e inebriando os visitantes. A dimensão do projeto mostrou-se desafiadora demais, não tínhamos apoio e nem tempo suficiente para realizá-lo dessa forma, então procurei pensar a presença das ervas na biblioteca de forma mais intimista e próxima das pessoas que transitam por lá diariamente. Imaginei diversas maneiras de intervir no espaço da biblioteca, em como interferir no trajeto das pessoas que entram e saem, nos seus sentidos, pensei em maneiras de interromper os momentos de concentração com a força das ervas insubordinadas que surgem de forma espontânea em locais e momentos inesperados. O objetivo era proporcionar aos usuários daquele espaço uma aproximação com as plantas e ervas aromáticas, de forma que a interação com elas promovesse uma quebra da rotina e da pressão do tempo do relógio.

Correspondendo-me com Bia Petrus, que estava no Porto, pude trabalhar à distância, do Rio de Janeiro, planejando um processo de trabalho que seria concluído no prazo determinado e com o menor custo possível. Bruno Almeida, artista, educador e ilustrador, além de uma pessoa incrível, aceitou o convite para trabalhar como assistente e produtor no projeto, e Nuno Moutinho, da Associação A Soalheira, entrou como apoiador. O desejo de trabalhar com as plantas nos ajudou a pensar como elas: tudo aconteceria de forma colaborativa, com a participação de muitas pessoas e diferentes organizações, em um processo conjunto que envolveria múltiplas negociações.

Propus à equipe a produção a instalação de trançados de plantas com quatro metros de comprimento, que seriam dispostas como uma cortina a ser atravessada em um dos acessos à sala de leitura da biblioteca. Sugeri também a confecção de diversas guirlandas de plantas e ervas que se interporiam a textos e livros selecionados da biblioteca, que ficariam expostos nas vitrines e mesas da recepção, além de estarem espalhados em determinados lugares junto a um texto que convidasse os visitantes a usarem as guirlandas durante o estudo, e se deixarem contagiar por elas. Desejava que os estudantes experimentassem usar as guirlandas perfumadas e testar o que aprendi em uma viagem à Grécia. Disseram-me que, na

Grécia Antiga, os espaços ao ar livre onde as “aulas” aconteciam eram cercados por jardins de ervas aromáticas como o manjericão, o alecrim e a lavanda. As primeiras duas espécies despertam a atenção, promovem o foco, trazem ânimo e maior facilidade de concentração, enquanto a terceira acalma, tranquiliza e diminui a ansiedade. Os gregos conheciam o poder das ervas, e pude comprovar que, ainda hoje, essas plantas estão presentes em seus sítios arqueológicos.

Planejamos ainda um tapete feito de plantas e coberto de ervas para repousar os pés e a alma, e também a exibição do vídeo *O dia fora do tempo* (2023) em uma tela na receção da biblioteca. Além disso, criamos quatro ações performativas a serem feitas com a participação dos frequentadores através de encontros semanais, onde eu estaria presente, convidando os visitantes a gestos participativos que provocassem experiências mediadas pelas plantas. A primeira ação performativa aconteceria no dia 8 de março, data da inauguração da intervenção, quando eu levaria material para fazer as guirlandas com os alunos, e pediria que perambulassem pelos andares e corredores da biblioteca. A segunda ação seria a preparação de um banho de ervas na biblioteca. A ideia era travar uma conversa enquanto as plantas e flores fossem colocadas na bacia. Na terceira ação, propus preparar um chá de ervas, convidando os estudantes a se juntarem a mim e compartilharem aquele momento. A quarta ação seria a preparação de bastões de defumação e, por fim, fariámos guirlandas e caminhariámos pelos andares da biblioteca.

Em toda ação performativa, busca-se ativar um estado sutil de suspensão da fisicalidade, com o intuito de promover a ampliação dos sentidos, a capacidade de concentração, e o desejo de colaboração e troca. Acredito que, de forma subjacente, temas relacionados ao feminino e suas qualidades de estabelecer pontes, convívio, reunião e comunicação se tornam visíveis na proposta de nos reconectarmos com o mundo vegetal e com os saberes ancestrais a ele associados. Inserida em um contexto do cotidiano acadêmico, e instaurando um estranhamento do ambiente habitual, minha intervenção evocaria nossa lembrança do semear, partilhar, escutar, sonhar e afetar, propondo uma aproximação da natureza e do sentido da vida viva.

Encontros para Semear

Bia Petrus vem trabalhando com a Associação A Soalheira há alguns anos, colaborando com suas iniciativas e, mais recentemente, propondo a elaboração de programas que aproximam arte, meio ambiente e partilhas sociais. A Soalheira é um projeto social, ambiental e cultural sediado numa aldeia dentro da cidade do Porto, a Quinta de Noeda. Naquele território, o solo é cultivado a partir dos conceitos da horta biodinâmica e da permacultura, no propósito de ligar as pessoas à terra, reunindo parceiros e vizinhos em uma espécie de comunidade que produz de forma colaborativa, e partilha a colheita levando para casa comida saudável. A associação enfrenta hoje uma luta para que suas terras não sejam desapropriadas pela Câmara do Porto em prol da expansão da cidade, e resiste com o melhor que sabe fazer: produzindo alimentos e projetos, aproximando pessoas, integrando saberes.

A alegria de pertencer, de ver o resultado do esforço pela colheita e de sentir-se duplamente alimentado ao consumir algo que vingou através do trabalho coletivo é perceptível quando se visita a Soalheira, terreno bem servido de água e insolação. Pude reconhecer a mesma energia em Nuno Moutinho, proprietário e responsável pelo projeto, bem como em seus colaboradores. A Soalheira embarcou na nossa proposta como fornecedora das plantas e ervas que usamos na ocupação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, bem como oferecendo um local para trabalharmos. Chamei a ocupação de *Encontros para Semear*, imaginando a circularidade do projeto e a influência que a presença das ervas, seus perfumes e potências, somadas aos encontros mediados pelas ações performativas, poderiam produzir ali. Pensei nos encontros como veículos para “reflorestar pensamentos”, termo forjado pela ativista e jornalista Eliane Brum, ao falar da necessidade de imaginarmos novos futuros para combater a catástrofe climática.

Nuno e Bia conheciam artesãs tradicionais, e desde o início pensamos em desenvolver o material da ocupação reunindo redes de mulheres. Começamos uma conversa com a Fátima, uma experiente artesã que nos apresentou a Madalena e, com ela, desenvolvemos os primeiros protótipos e nos demos conta de que precisaríamos de muitas mãos para preparar os trançados, as guirlandas e o tapete. Bia sugeriu a organização de oficinas e fomos criando um processo para dar forma e

força ao conceito. Contratamos a Catarina Magalhães, que já havia ministrado cursos na Soalheira, para coordenar duas oficinas: uma de guirlandas e outra de trançados. O convite foi compartilhado nas contas de Instagram da Bia Petrus e da Soalheira e repostado por toda equipe. A proposta era que os participantes emprestassem suas guirlandas para a ocupação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e que depois, pudessem tê-las de volta, se quisessem. Em poucos dias fechamos um grupo de trinta pessoas, em sua maioria mulheres de diferentes idades.

No dia 17 de fevereiro de 2024, um sábado de inverno ensolarado, aconteceu a primeira oficina. A energia da troca, a alegria de criar algo e de compartilhar um saber contagiou a todos. A Soalheira brilhou e fez tudo brilhar – aquele sábado nos encheu de ânimo e da certeza de estarmos no caminho certo! A próxima oficina aconteceria no sábado seguinte, dia 24 de fevereiro, mas o tempo virou e a conhecida chuva do Porto não quis se retirar. O frio e chuva intensa não permitiram a realização da segunda oficina no galpão da Soalheira – o mau tempo perdurou até o fim de fevereiro e durante todo o mês de março. Nessas condições, não foi possível terminar a produção contando com as oficinas, o que trouxe preocupação e tensão a toda equipe – faltava espaço físico e abrigado para trabalhar, havia poucas mãos para muitas peças, e o prazo ficou curto. Catarina se exigiu demais, entristeceu, Bia foi além do que podia, adoeceu, e eu, de longe, ia tateando as delicadezas sem perceber com clareza o que se passava por dentro, qual a dimensão de esforço e exaustão da equipe.

Encontro: Mulheres sem começo nem fim

Cheguei no Porto no fim da tarde do sábado, dia 2 de março, Bia e Bruno me entregaram todo o resultado do trabalho que conseguiram fazer junto com Catarina e outros parceiros – estava tudo lá, a ocupação ia acontecer! Iniciamos a montagem na segunda-feira, dia 4 de março. A equipe da Biblioteca – Isabel Pereira Leite e Ana Carolina Avilez – foi impecável, e não poupou esforços para que realizássemos o que havíamos planejado. Bruno criou uma identidade visual para a ocupação composta de um folheto e de etiquetas com uma ficha técnica para cada trabalho, que traziam um pequeno texto convidando os visitantes a interagirem. Isso foi muito importante para dar um caráter de conjunto a tudo que estava exposto nos diversos

espaços da biblioteca, tornando mais fácil para o público compreender o conceito proposto. Bruno sugeriu ainda a produção de marcadores de livros com três ilustrações diferentes: uma com a lavanda, outra com o louro e a terceira com o alecrim. No verso, incluímos um pequeno texto sobre cada erva, o nome da ocupação e meus contatos. Quem passava pela biblioteca e pegava um livro durante a ocupação ganhava o marcador da sua escolha, levando uma mensagem de *Encontros para semejar*. Desde o início, o nosso desejo com a ocupação era que as pessoas viessem aos encontros através dos chamados públicos ou da interação com as peças presentes na biblioteca, estabelecendo, assim, uma relação comigo ou com o projeto, realimentando a semeadura.

Faço referência a um trecho do livro de Anna L. Tsing - *O cogumelo no fim do mundo* - para introduzir meu relato sobre o dia 8 de março, dia de abertura do evento *Mulheres sem começo nem fim*, idealizado pela Professora Paula Guerra, que incluía a inauguração da ocupação *Encontros para Semejar*: “Somos contaminados por nossos encontros; eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaço para os outros. Ao mesmo tempo em que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados – e novas direções – podem surgir”.

Naquele dia cheguei cedo na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto para realizar a primeira ação performativa, que não era apenas a primeira de um ciclo, mas também minha primeira performance como artista. Estava nervosa, insegura e frágil – ali começava um trabalho totalmente novo para mim, e o abracei com coragem e ciente do risco assumido. Percorri o refeitório da Faculdade de Letras com os sentidos abertos, como se estivesse entrando em um bosque desconhecido, em busca de um sinal, com um olhar interessado para me aproximar e lançar o meu convite, perguntando às pessoas se gostariam de fazer uma guirlanda e, se eu tivesse sorte, caminhar comigo pela biblioteca. Já havia sido alertada para a possível resistência dos portugueses a esse tipo de convite, o que me deixava ainda mais tímida, mas uma jovem estudante de Letras sorriu para mim, e com ela pude estabelecer o primeiro vínculo. Sentei-me ao seu lado e juntas fomos conversando e montando nossas guirlandas. Por fim, convidei-a para caminhar comigo pela biblioteca com as coroas sobre nossas cabeças, mas a gentil menina se esquivou. Era tímida e não tinha muito tempo. Agradeci a sua

participação e, fortalecida por aquele encontro, fui em busca de novos colaboradores. Deparei-me com pessoas receptivas à ideia, mas sem tempo para aderir; era hora do almoço, e logo voltariam à sala de aula. Pousei a guirlanda em minha cabeça e caminhei determinada por entre as mesas do refeitório. Me dirigi à biblioteca, atravessei a recepção, subi e desci as escadas passando pelos diferentes andares, percorri as mesas de estudo atravessada por olhares de estranhamento, deambulei pelos estreitos corredores e dei-me por satisfeita – o primeiro contágio havia sido feito, de forma precária e instável, e ali eu terminava a minha primeira ação performativa.

No fim da tarde, voltei à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a abertura da ocupação. Foi um acontecimento costurado por muitas falas femininas em rodas de conversas, e houve um momento especialmente bonito em que Bia Petrus narrou para todas um conto sobre honrar a memória das mulheres que vieram antes de nós, e convidou cada uma dos participantes a falar em voz alta o nome de uma mulher importante em sua vida. Passamos muitos minutos em um jogral sonoro homenageando e lembrando as presenças que, de alguma forma, marcaram as nossas vidas. Foi difícil interromper o fluxo das vozes que pulsavam no coração, e pareciam honrar o nome do evento: *Mulheres sem começo nem fim*.

A preparação de um banho de ervas foi a minha segunda ação performativa. A recepção, cercada de guirlandas de ervas enlaçando livros outrora banidos, emanava o conhecimento sobre o céu, as plantas, os ciclos da natureza e do universo feminino que alguns séculos atrás levaram tantas mulheres à morte com extrema violência. Ali organizei um singelo laboratório e pousei sobre a mesa os objetos e a seleção de plantas que cuidariam de nós naquela tarde. Do jardim afetivo de Ana Duarte, colhi calêndulas recém-abertas, hortelã selvagem e folhas de limoeiro; das mãos de Nuno Moutinho vieram o louro e o alecrim, e eu trouxe uma rosa branca para nos abençoar com a paz e tranquilidade. Preparei-me para estar vazia de mim, para receber o outro, para ter espaço para sentir, perceber, escutar, encontrar. Respirei fundo e, assim, me dirigi às áreas de estudo. Caminhava vagarosamente pelas mesas atenta às feições das pessoas, passava pelos corredores alerta a algum sinal, como fiz quando fui em busca das ervas para o banho. A escolha é mútua, eu estava em colheita estendida! Thays e André gostaram do convite para uma pausa,

depois vieram Margarida, Luiza, Inês, Rui e uma menina de longos cabelos verdes. Não guardei o seu nome, mas achei lindo que seus cabelos fossem verdes. Enquanto macerávamos as ervas que íamos desfolhando e colocando na bacia com água, conversávamos sobre aquele ato, as propriedades de cada espécie, o que era de fato um banho de ervas, crenças e descrenças. Estava emocionada de ter comigo um buquê de pessoas consumando com a força das mãos e de suas intenções um ato mágico-alquímico. Ato mágico porque envolveu a energia de quem veio, das plantas que se doaram, associado a uma tradição antiga que mais uma vez se realizava. O que é magia senão o amor em ação? O pensamento associado ao desejo e à imaginação – sim, tínhamos feito magia! Todas as pessoas quiseram levar um pouco do banho para casa, tudo o que foi levado foi usado, o círculo se fechou e seguimos os nossos caminhos. Estava feliz pela forma com que aquele encontro para semear tinha acontecido, e pouco depois observei que um extremo cansaço tomou conta de mim. Visualizei uma onda, um fluxo de sensações que percorriam meu corpo enquanto vivenciava o encontro – pensar a ação, planejar cada detalhe, preparar o ambiente e a mim mesma, esvaziar-me de expectativas, lançar-me ao acaso, colher pessoas, encontrar, trocar, e voltar a esvaziar. Como tudo no universo pulsa, uma expansão havia de ser seguida por uma contração. Tinha comigo a solução para o meu restauro – um potente banho de ervas, e com ele voltei para casa.

Uma semana depois, retornei à biblioteca para a segunda ativação: a preparação de um chá de ervas frescas colhidas na Soalheira, e um convite para inaugurar o tapete *Re-Pouso*, que foi tramado em um tear com o cuidado e a determinação de Penélope por Catarina Magalhães. Sobre esse tapete coloquei uma farta camada de alecrim, louro e tomilho, que traziam para o ambiente um perfume agradável. Imaginei reunir um grupo de pessoas que partilhariam ideias enquanto tomavam um delicioso chá, com pés descalços pousados sobre o tapete. Preparei a infusão com as ervas sabidas da Soalheira, tão poderosas, banhadas de muito sol, fartura de água e todo o cuidado humano empregado. Enquanto escrevo, dou-me conta de que nunca havia feito um chá daquela maneira, ciente da qualidade das ervas e seus poderes. Este chá continha o encantamento de um território onde há uma simbiose real entre as plantas e quem as maneja – são seres íntegros, que conhecem sua potência e a saúde que promovem.

Havia algo inaugural naquele ato para mim: eu tomava consciência de tudo o que fora aportado àquela infusão, preparava uma bebida que visava revigorar em cada ser a disposição para o encontro. Fiz minhas intenções, respirei e adentrei as veredas da biblioteca, dando início à minha próxima “colheita”. Arthur, um amigo de amigos, veio participar, colhi Fernanda, que trouxe Henrique, então chegou a Cristiana, o Duxryo, a Marisa, e depois outro Arthur. Começamos a beber o chá, e com ele fomos tecendo uma conversa profunda e complexa que começou com as plantas, passou para os jardins como espaço de beleza e descanso, e tocou na importância do ócio, na saudade dos quintais, aquele espaço que havia em todas as casas, onde brincávamos com bichos e plantas, e apanhávamos frutas das árvores. Fernanda nos contou sobre sua conexão com as ervas no dia a dia, falou da Umbanda, da sua ancestralidade. Henrique é estudante de linguística e nos dizia como as línguas indígenas expressam a união do homem e da natureza, não há separação, um é o outro e o outro é um. Discutimos as trapaças do capitalismo, falamos de como tudo é colonialismo, do controle dos corpos femininos, do feminicídio, viajamos para a África pela erudição de Arthur, que nos introduziu ao conceito de Pan África... o tempo não passava, ao menos ninguém se importava com ele.

Não tive sucesso no convite para o Re-Pouso, percebi que, para os portugueses, tirar os sapatos em um espaço público e mostrar os pés nus não é tão simples como no Brasil. O tapete não foi pisado, mas penso que foi voadio. Esteve ao nosso lado como uma presença encantada, oferecendo abrigo para aquele encontro, enquanto viajávamos pelos cantos do mundo divagando, plenos, semeando pensamentos do alto de nossas ideias, sem vontade de pousar.

O terceiro encontro-ativação na biblioteca foi um convite para a preparação de bastões de defumação. Na recepção da biblioteca, havia duas telas projetando vídeos. Em uma delas, passava uma sequência de imagens de um imenso bastão de defumação queimando e, na outra, o filme *O dia fora do tempo*, um trabalho de vídeo filmado em 2021, e editado em 2023, feito em colaboração com o Círculo de Mulheres Erveiras da Mantiqueira. Durante o primeiro semestre de 2021, ainda na pandemia de Covid-19, propus às erveiras que preparássemos juntas um grande defumador, com mais de vinte tipos de ervas medicinais e aromáticas, para amenizar as dores da humanidade. Seguindo rituais femininos sagrados, o defumador foi

preparado, e queimou por mais de dez horas no dia 25 de julho, o “dia fora do tempo” segundo o calendário Maia. A biblioteca já estava simbolicamente defumada, e com aquele encontro iríamos dar mais um passo, dando às pessoas a chance de produzir seus defumadores para que pudessem utilizá-los sempre que sentissem necessidade de benzer algo, alguém ou a si mesmos. Rafael Prado, artista amigo que estava em residência no Porto, veio ao encontro, Fernanda Lima voltou para mais uma conversa, o que encheu meu coração, e a nós juntaram-se Janice e sua amiga Beatriz. Éramos todos imigrantes em Portugal, sentindo-nos ao avesso no exílio, localizando em nós o estranhamento, identificando a ausência a partir da qual erguemos pontes para novos encontros, sendo um eterno ser estrangeiro, aqui ou lá. Enquanto íamos construindo nossos bastões, com as mãos ainda desajeitadas tateando as ervas, partilhamos memórias afetivas, falando das saudades dos familiares, dos cheiros da terra natal, da casa da mãe, das sutilezas de cada língua, da música, da comida. Pensando com as mãos, defumamos estórias, estabelecemos cumplicidades e semeamos relações. Estábamos ali cultuando o feminino em nós e no mundo, inventando formas de encontros, reuniões e contato. Éramos do Brasil, de Angola, do Cabo Verde e, com as nossas diferenças, estávamos nos enriquecendo. Dei-me conta de que estávamos próximos do dia 25 de abril de 2024, data em que Portugal completaria cinquenta anos do fim da ditadura de Salazar. Muita coisa mudou no país desde então, especialmente para as mulheres, que abriram imensos espaços para se expressar. A liberdade de escolha é a chave de tudo, para todos. Os bastões foram surgindo, cada um à sua maneira, pequenos, longos, chatos. Era bonito ver a alegria estampada nos rostos sempre que um deles ficava pronto!

Florestas emergem de encontros

A última ativação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi um encontro para fazer guirlandas, encerrando de onde começamos – com as coroas, círculos de ervas que representam o ciclo eterno da vida. Como não lembrar e homenagear todas as mulheres que cederam suas guirlandas para que essa ocupação pudesse acontecer? Como não sentir seus gestos e amor envolvido em cada uma delas? Havia guirlandas espalhadas por toda a biblioteca: aproximando os livros para intercambiar saberes, ornando as vitrines, convidando os estudantes a pousar uma delas sobre suas cabeças e experimentar uma sessão de estudo mais perfumada, ou inspirada pelas potências

que sussurravam. Ornar a cabeça, laurear, me faz lembrar da lenda do amor entre Apolo e Dafne. Eros, o cupido, deus do amor, decidiu atingir Apolo com uma flecha de ouro e a Ninfã Dafne com uma flecha de chumbo. Ao se encontrarem, Apolo caiu apaixonado pela ninfã e passou a perseguí-la em busca de seu amor. Dafne, desesperada, tomou aversão de Apolo, e para fugir transformou-se em um Loureiro. Apolo passou a usar a coroa de louro como símbolo do seu eterno amor. Posteriormente os romanos adotaram a coroa de louro para ornar os vitoriosos, e ela tornou-se o símbolo das conquistas.

A indeterminação que antecedia os encontros esvaziava minhas certezas, e me abria para o risco, para o novo. Um estado especial onde não há promessa, não há garantia, mas que pulsa potência. Com a experiência das ativações, fui ampliando a sensibilidade para juntar pessoas, entendendo que compartilhar tempo é estar em comunhão, fazer comunidades momentâneas que nos dão alegria e força. Dessa vez eu não precisei deambular nos espaços da Faculdade de Letras da Universidade do Porto em atividade de colheita, tive a felicidade de receber novamente Fernanda Lima, Janice Cruz e Beatriz para mais um encontro. Chegaram também Fernanda Venâncio, Fernanda Vaqueiro, Catarina Magalhães, Arthur e mais outras pessoas. Não dei conta de registrar seus nomes, percebi que durante as ativações minha atenção oscilava entre o plano geral dos acontecimentos e a interação específica que estou estabelecendo com alguém ou algo.

Há um limite de abrangência, tudo acontece como em um fluxo contínuo, e certas coisas sobram, ficam à margem, parcialmente percebidas. Em uma das boas conversas que tive com Bruno Almeida, ele fez um paralelo entre a escultura e a performance, dizendo: na primeira se constrói algo com o espaço, retirando ou acrescentando matéria, enquanto na segunda, é o encontro com o outro que nos esculpe. Suas palavras ecoaram em mim. Passei muito tempo ruminando o que seria ser “esculpida” pelo outro, que sensações seriam essas, e como todas as ativações me afetariam? Depois de me lançar de corpo e alma aos diferentes encontros para semear, intuo que estes me plantaram: fui semeada pelo que recebi de cada pessoa que abriu uma fresta, uma breve fissura para minha presença, para as ervas, e tudo que havia e acontecia naquele momento e lugar.

“Florestas emergem de encontros”⁵⁸, escreve a antropóloga americana Anna Tsing, e tudo o que fizemos desde as primeiras conversas sobre ocupar uma biblioteca foi plantar a intenção de reflorestar. Com esse termo, queríamos reunir pessoas e construir juntos algo que traria valor e alegria para todos na forma de um legado — a ação individual sendo ampliada e fazendo brotar nas pessoas novas formas de se imaginar em um mundo que indica ter se esgotado. As conversas iniciais com Bia Petrus eram expansivas, parecia que nós crescíamos de tamanho, e certamente, a visão do projeto seguia a mesma direção. Novas pessoas foram chegando, muitas mãos se juntaram às nossas, construímos um conceito, coisas lindas de plantas e ervas brotaram na biblioteca perfumando o ambiente, alterando a experiência daquele lugar. Fizemos dali um laboratório de alquimia, uma sala de alta magia, um confessionário de emoções invisíveis ou ainda não reconhecidas, uma cúpula de discussão dos problemas do capitalismo, um salão de belezas, um espaço de acolhimento de fragilidades e delicadezas, de impregnações proibidas, invasões silenciosas, muitas contaminações.

Eu agradeço profundamente a oportunidade e o privilégio de ter sonhado, caminhado, pensado, trabalhado, e me ampliado nos encontros (Figura 11.1) com cada uma e todas as pessoas que acolheram o chamado do projeto nesse ciclo de seis meses. Continuo a elaborar o que aconteceu dentro e fora de mim, e posso afirmar que fui semeada e afetada por tudo o que vivi. Essas notas são o testemunho disso! Sinto-me floresta. Muito obrigada a todos que me deram as mãos e, por que não dizer, o coração.

⁵⁸ Anna Lowenhaupt Tsing, *O Cogumelo no fim do mundo — sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: N-1 Edições, 2022.



Figura 11.1. Artwork da Exposição.

Fonte: Esgar Acelerado

DOI <https://doi.org/10.21747/9789899193475/mula11>

